

## A ROTINA FAMILIAR E SUAS IMPLICAÇÕES NAS OPORTUNIDADES DE VIVENCIAR A NATUREZA NA INFÂNCIA

Alessandra Neiss<sup>1</sup>

Elenice Ana Kirchner<sup>2</sup>

### Resumo

O presente estudo é um recorte da Monografia de Conclusão de Curso em Licenciatura em Pedagogia. Possui como tema, a relação entre a rotina familiar com as possibilidades ofertadas às crianças para vivenciarem os espaços da natureza. Visa também, compreender as contribuições de brincar e interagir nos espaços da natureza para o desenvolvimento infantil. A pesquisa tem como objetivo principal, conhecer a importância da interação com a natureza para o desenvolvimento infantil e como a rotina vivenciada no dia a dia pode influenciar na qualidade dessas vivências, além de apresentar possibilidades de atividades ao ar livre para crianças e famílias. A pesquisa justifica-se pela necessidade de ampliar o conhecimento acerca da influência que a natureza exerce para o aprendizado e desenvolvimento das crianças, visto que estas estão se distanciando cada vez mais daquilo que é natural, dando espaço às telas e a uma mente passiva, de pouca criatividade e imaginação, bem como, compreender qual a influência que a rotina familiar exerce nesse aspecto. Caracteriza-se por pesquisa teórica, pois a mesma é constituída de dados bibliográficos de diversos autores de renome na área, como Louv (2016), Hansen (2019), Lanz (2011), Barros (2018), Horn e Barbosa (2022), entre outros. A natureza é capaz de conectar o indivíduo à sua essência, fazê-lo compreender o seu lugar no mundo e capacitá-lo nos mais diferentes aspectos, seja motor, psíquico, social, sensorial, entre tantos outros. Considera-se que esse estudo tenha sido de grande valia, tanto para a ampliação do conhecimento, quanto para o enriquecimento da formação pessoal e profissional.

**Palavras-Chave:** Brincar; Interagir; Crianças; Natureza; Rotina familiar.

### Abstract

The present study is an excerpt from the Course Completion Monograph in Degree in Pedagogy. Its theme is the relationship between family routine and the possibilities offered to children to experience natural spaces. It also aims to understand the contributions of playing and interacting in natural spaces to child development. The main objective of the research is to understand the importance of interaction with nature for child development and how the routine experienced on a daily basis can influence the quality of these experiences, in addition to presenting possibilities for outdoor activities for children and families. The research is justified by the need to expand knowledge about the influence that nature has on children's learning and development, as they are increasingly distancing themselves from what is natural, giving space to screens and a passive mind, of little creativity and imagination, as well as understanding the influence that family routine has in this aspect. It is characterized by theoretical research, as it consists of bibliographic data from several renowned authors in the area, such as Louv (2016), Hansen (2019), Lanz (2011), Barros (2018), Horn and Barbosa (2022), between others. Nature is capable of connecting the individual to their essence, making them understand their place in the world and empowering them in the most different aspects, be it motor, psychic, social, sensory,

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia no Centro Universitário FAI – E-mail: neissalessandra@gmail.com

<sup>2</sup> Professora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI - E-mail: elenice@uceff.edu.br

among many others. This study is considered to have been of great value, both for expanding knowledge and for enriching personal and professional training.

**Keywords:** Play; Interact; Children; Nature; Family routine.

## **Introdução**

A infância é a etapa da vida em que o indivíduo está mais propício a aprender e se desenvolver, afinal, é nesse momento que ocorre a maior quantidade de conexões neurais no cérebro, tornando o aprendizado mais fácil e significativo. É cientificamente comprovado que brincar e interagir são as formas mais eficazes de uma criança aprender e se desenvolver nos mais amplos aspectos. Todavia, para que isso ocorra de maneira exitosa, é necessário que ela tenha acesso à ambientes ricos em possibilidades, com diferentes elementos e que propiciem uma profunda exploração.

A natureza, em sua magnitude torna-se um dos locais de maior diversidade de estímulos positivos, com suas cores, formas, aromas, texturas, dentre tantas outras maravilhas a serem exploradas por meio do brincar e através da interação da criança com a mesma. Todavia, infelizmente na atualidade, muitas famílias em meio à rotinas exaustivas de trabalho, reservam pouco tempo para aproveitar essa riqueza de possibilidades e, por muitas vezes, as crianças passam longas horas em frente às telas e cercados por quatro paredes, o que traz inúmeros riscos e consequências negativas para a sua saúde e bem-estar.

Com base nisso, a presente pesquisa possui como tema: “A relação entre a rotina familiar com as possibilidades ofertadas às crianças para vivenciarem os espaços da natureza”. Além de um aprofundamento teórico em torno da temática mencionada, esse estudo também busca compreender a importância do brincar e interagir na infância nos ambientes naturais e analisar os benefícios da interação com a natureza para o desenvolvimento das crianças.

A escolha dessa temática de estudo vem de encontro a uma necessidade atual, que se tornou ainda mais perceptível nas práticas de estágio durante a graduação e na atuação como educadora, por meio de uma

observação cautelosa acerca dos locais e modos de brincar apresentados pelas crianças e relatos de pais e responsáveis.

Conhecer sobre os impactos e contribuições do convívio direto com a natureza é uma necessidade vivenciada pelas escolas, famílias e crianças inseridas nos ambientes de aprendizagem, bem como, na rica experiência que é vivenciar a infância – etapa tão importante do desenvolvimento humano. Abordar sobre as contribuições de estar, aprender e interagir na natureza é cada vez mais urgente, uma vez que estamos inseridos em uma sociedade repleta de desafios que traz consigo um cotidiano acelerado, adepto ao comodismo e à alienação, aspectos estes que incidem diretamente no comportamento e desenvolvimento das crianças.

Por muitas vezes, as brincadeiras ao ar livre, utilizando pedras, galhos e folhas como elementos criativos e cheios de possibilidades, são substituídas pela comodidade de ofertar às crianças uma tela de celular e ou televisão, frente das quais o cérebro infantil passa a vivenciar um estado de passividade. E quando essa realidade se torna constante no ambiente familiar e também educacional, evidencia-se um fator de risco para diversas consequências negativas, como a diminuição da capacidade criativa, imaginação, dentre tantas outras que acarretam em problemas que se prolongam por toda a vida adulta.

Portanto, é imprescindível que haja amplos estudos sobre o tema, a fim de evidenciar e compartilhar conhecimentos acerca de características, limitações e possibilidades que circundam esse objeto de estudo e, por conseguinte, que se conquiste uma mudança de realidade, visando o bem comum e em especial pela saúde e bem estar das crianças.

O presente trabalho está organizado em quatro capítulos de fundamentação teórica, sendo o primeiro sobre “A importância de brincar e interagir na infância”; em sequência “As contribuições de brincar e interagir na natureza para o desenvolvimento infantil”; posteriormente: “Transtorno do déficit de natureza”; e como último tópico abordado, temos uma reflexão sobre “Como a rotina familiar pode interferir na qualidade das vivências na natureza?”.

E para finalizar o trabalho, concluindo com as considerações finais, onde abordamos os resultados da pesquisa.

### **A importância do brincar e interagir na infância**

A infância é uma das etapas mais importantes da vida do ser humano, pois é nesse período, por meio da livre exploração que a criança pode desenvolver-se nos mais amplos aspectos, ao correr, pular, rolar, construir relações, dialogar e explorar o mundo e suas possibilidades. Essa condição propícia ao aprendizado se evidencia ainda mais nos três primeiros anos de vida, baseado em estudos das áreas da educação, psicologia e neurociência, que apontam para um pico no desenvolvimento cerebral nessa faixa-etária, sendo considerado o período mais importante e fértil (Hansen, 2019).

Ainda conforme explica Hansen (2019), o desenvolvimento cerebral se destaca tanto na primeira infância devido à enorme quantidade de conexões neurais que ocorrem no cérebro das crianças num curto espaço de tempo, sendo maior do que em qualquer outra etapa da vida, o que possibilita aprender muito mais nesse período e gera impactos que se perpetuam pela vida adulta.

Dessa maneira, os bebês aprendem nessa etapa, em especial até os três anos de idade, muito mais do que em qualquer outro período da vida, aprendendo “mais rápido de zero a três anos do que aprenderão dos dez aos treze anos, dos vinte aos vinte e três, dos trinta aos trinta e três” (O começo da vida, 2016).

O cérebro só para de se desenvolver quando alguém morre, assim, tendo 100 anos ainda é possível aprender algo, pois o cérebro fará novas conexões, todavia, o período de maiores conexões e desenvolvimento cerebral é nos primeiros anos de vida. As experiências e interações que uma criança tem ao longo da primeira infância, literalmente causam marcas em sua pele e no cérebro, afinal, transformam a constituição dos circuitos e a arquitetura do cérebro de maneira geral, o que se prolongará por toda a vida (O começo da vida, 2016). A partir disso surge um questionamento. Como é possível a

criança aprender tanto e desenvolver-se de maneira ímpar na primeira infância se ela ainda não lê, não escreve e ainda não conhece todo o vocabulário?

A criança aprende por meio das experiências que vivencia, por meio daquilo que observa, sente, toca, ouve, muitas vezes sem ter que dizer uma só palavra, afinal, o aprendizado pode ocorrer de muitas maneiras e se evidencia especialmente durante as brincadeiras.

Brincar é o que move uma infância feliz e de muito aprendizado, sendo considerado por Vogel e Rambo (2021, p. 86), “o trabalho da criança”, devido a tamanha relevância que possui. Segundo as autoras, brincar representa a tarefa mais importante do dia para uma criança, sendo fonte das maiores e melhores lições da vida. Assim, deve tomar o tempo da criança em diferentes espaços e possibilidades.

Ao observar cautelosamente o brincar da criança, seja sozinha ou em pares, pode-se notar as inúmeras possibilidades que ele proporciona. Através da brincadeira a criança rapidamente se transforma em tudo aquilo que ela quiser, podendo ser um astronauta, um animal de estimação, uma dona de casa, assumindo todo e qualquer papel que a sua criatividade permitir. Para Vogel e Rambo (2021), as diferentes maneiras de brincar possibilitam à criança reinventar a vida, desenvolver de maneira prazerosa a imaginação, criatividade, liderança, organização e autonomia, além de ampliar vínculos afetivos, o diálogo e respeito ao espaço do outro.

Blauth (2013, p. 17) também faz importantes contribuições no que diz respeito a uma definição do que seja brincar, quando afirma que é por meio dessa ação que o ser humano se conecta com a sua essência, com a possibilidade da criação, sendo uma característica primordial da humanidade e “um encontro com o humor, com o impossível e o invisível, com o corpo”.

Evidenciada tamanha importância que possui, brincar é um direito da criança, anunciado e garantido em diversos documentos oficiais, como a BNCC que orienta a necessidade de

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e

adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais (Brasil, 2018, p. 40).

Afinal de contas, brincar não é somente brincar, mas sim, representa uma porta de acesso a um mundo novo e vasto, que envolve aspectos emocionais, corporais, sensoriais, de expressividade, cognitivos, sociais e relacionais – as bases para um desenvolvimento integral.

Em consonância, no artigo 9º das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEIs, 2009), o brincar, juntamente com o interagir, são elencados como os eixos estruturantes da prática pedagógica. Assim, pode-se compreender essas atividades como essenciais em todos os ambientes em que a criança está inserida. É por meio do brincar que as principais interações são estabelecidas na infância e também é por meio delas que ocorrem as mais ricas trocas. Interagir é fator fundamental para a construção do indivíduo e sua inserção na sociedade.

### **As contribuições de brincar e interagir na natureza para o desenvolvimento infantil**

Há uma profunda relação entre a qualidade dos ambientes vivenciados, com a qualidade do aprendizado adquirido, seja por crianças ou adultos (Horn; Barbosa, 2022). Isto se dá como resultado das possibilidades de experimentação e exploração que o ambiente apresenta, seja considerando aspectos corporais, sensoriais, emocionais ou relacionais. Assim, revela-se a importância de planejar e organizar bem os espaços em que a criança ou o adulto irá interagir.

Com foco em um ambiente que propicie as mais variadas experiências e formas de interação, os espaços naturais são uma excelente fonte de aprendizados e desenvolvimento, uma vez que suas possibilidades são ilimitadas. Estar em contato com a natureza nos revela um mundo mágico e do

qual somos os protagonistas. Além disso: “A conexão com a natureza diminui o estresse, diminui a depressão, reduz a obesidade, aumenta a frequência cardíaca, aumenta a longevidade, melhora o sono, melhora a visão” (O começo da vida - 2, 2020). Ainda segundo informações do mesmo documentário, o estar na natureza exerce influência e é indispensável para o nosso bem estar em todas as esferas, seja física, psicológica e espiritual.

Nesse sentido, Horn e Barbosa (2022, p. 29) também fazem importantes contribuições acerca das inúmeras vantagens encontradas no brincar e interagir nos espaços naturais quando afirmam que eles

[...] são importantíssimos para as crianças pequenas e apoiam seu processo de aprendizagem, pois constituem desafios, exigem atitudes, forjam ações. A natureza permite a ação das crianças com maior independência e liberdade, o que qualifica a brincadeira, pois há muitos modos de brincar e jogar nos parques, pátios, jardins e campos, e, finalmente, possibilita estabelecer novos relacionamentos entre crianças de diferentes sexos, idades, estilos.

Para Vogel e Rambo (2021), é brincando na natureza que a criança explora, aprende, se diverte e desenvolve habilidades e potencialidade. Essas vivências são um verdadeiro descobrimento e estão diretamente ligadas à construção de saberes essenciais para a vida humana, criando adultos mais confiantes e entusiasmados. Na mesma perspectiva, Louv (2016, p. 15) afirma: “A criança na natureza hoje significa um adulto responsável, produtivo e criativo no futuro. Um adulto que pensa mais nas conexões, se preocupa com o todo”.

A natureza, ao contrário da maioria dos brinquedos industrializados, não traz sugestões prontas de como a criança deve brincar, sugestões estas, que acabam por bloquear significativamente o poder criativo e a imaginação das mesmas, pois a criação que se difere da que está instruída na embalagem, por vezes é considerada até incorreta. Já estando em um ambiente natural, a criança pode criar tudo aquilo que ela quiser, utilizando tudo o que tiver ao seu dispor, sem um roteiro de brincadeiras ou manual de instruções, afinal: “A natureza é imperfeitamente perfeita, cheia de partes soltas e possibilidades, com lama e poeira, urtigas e céus, momentos práticos transcendentais e joelhos ralados” (Louv, 2016, p. 117).



Estimular a imaginação das crianças é uma maneira de promover o desenvolvimento de um perfil inovador, crítico e transformador e brincar e interagir na natureza é uma das formas mais eficazes de estimular a imaginação, que é “terreno fértil no qual são plantadas as sementes de toda a inteligência da criança, que germinarão mais tarde” (Hansen, 2019, p. 143).

Na concepção de Vogel e Rambo (2022), os melhores brinquedos para as crianças são galhos, folhas, pedras e tudo aquilo que a natureza oferece. Estar na natureza permite o contato com as forças vitais dos quatro elementos (terra, água, ar e fogo). O que também é salientado por Louv (2016, p. 118) quando explica que “ A imersão no mundo natural vai direto ao ponto, expõe o jovem direta e imediatamente aos elementos a partir dos quais os humanos evoluíram: a terra, a água, o ar e outros seres vivos, grandes e pequenos”. Por meio dessas interações também, crianças e jovens tem a possibilidade de conectar-se efetivamente com aquilo que são, sentindo-se parte do meio.

### **Transtorno do déficit de natureza**

Preocupado com a falta de interação das pessoas em geral, mas especialmente das crianças nos ambientes naturais, o jornalista Richard Louv (2016) apresenta em sua obra *A última criança na natureza*, o diagnóstico não médico do “Transtorno do déficit de natureza”, afirmando ser provável que hoje uma criança saiba falar sobre a floresta Amazônica, mas a mesma não se recorde da última vez que explorou a natureza sozinho ou se deitou na grama e simplesmente observou as nuvens – uma afirmação preocupante. Esse diagnóstico chama a atenção para a enorme gama de prejuízos acarretados pelo pouco ou inexistente contato das crianças com a natureza.

Ainda segundo o jornalista,

As crianças precisam da natureza para um desenvolvimento saudável de seus sentidos e, portanto, para o aprendizado e a criatividade. Essa necessidade é revelada de duas maneiras: ao examinar o que acontece com os sentidos dos jovens quando perdem a conexão com a natureza, e observando a magia sensorial que ocorre quando eles - mesmo que já



passaram da infância - são expostos à mais ínfima experiência direta em um ambiente natural (Louv, 2016, p. 77).

Considerando a nova realidade que vem surgindo, que afasta cada vez mais as crianças da natureza, Horn e Barbosa (2022) também comentam que brincar com os elementos naturais (terra, água, pedras, galhos, folhas...) é uma prática que na contemporaneidade, quase inexistente, em especial nos grandes centros urbanos e já caracteriza uma crise a ser superada. Complementando, Horn e Barbosa (2022) ainda elencam o crescimento acelerado dos centros urbanos como um dos grandes motivadores da pouca relação entre as crianças e a natureza, pois nesses locais quase tudo é concretado, reduzindo os espaços e dificultando a mobilidade das crianças por conta da violência estrutural que as acompanha.

Para Barros (2018), a falta de interação com a natureza representa um enorme problema, que envolve a sociedade como um todo e destaca vários fatores como responsáveis para esse novo cenário

Os sintomas e efeitos dessa desconexão compõem um problema sistêmico que está levando a profundos impactos em todas as gerações, especialmente crianças e idosos, afetando a qualidade de vida em todos os territórios. Os fatores responsáveis por esse cenário, como saúde, planejamento urbano, mobilidade, uso de eletrônicos, desenvolvimento econômico e social, violência, conservação da natureza e educação, são complexos e estão inter-relacionados. Esse cenário, no entanto, varia de intensidade dependendo da classe social e da realidade específica de cada um, e seus impactos são mais agudos e presentes nas cidades e bairros densamente habitados e de alta vulnerabilidade social, onde as condições para uma infância saudável e plena estão muito ameaçadas (Barros, 2018, p. 18).

Assim, pode-se compreender que essa é uma realidade que atinge à todos, porém, evidencia-se ainda mais quando se tem um cenário de falta de recursos e de moradias precárias, pois aí tudo é menos acessível e a opção de ambientes com recursos mais variados são extremamente raros de se encontrar e quando existem, oferecem pouca segurança à quem os frequenta.

Sobre a intensa urbanização que vem ocorrendo, o documentário O começo da vida – 2, nos mostra que é muito difícil ser criança, pois vivemos em

meio a uma sociedade muito assustada, justamente pelos altos índices de assaltos e violência. Fatores que levam muitos pais a deixarem seus filhos confinados em casa a fim de evitar possíveis acontecimentos trágicos e transformam a rua em um local de simples passagem, não mais de encontros e vivências. Ao mesmo tempo, se faz o seguinte questionamento: “Como queremos que as crianças de hoje cresçam e sintam uma conexão com a cidade, sejam saudáveis e possam sair e se sentirem confiantes na cidade se elas vivem suas vidas inteiras dentro de casa e outros lugares fechados?” (O começo da vida – 2, 2020).

Os entrevistados de O começo da vida – 2, apontam para dois importantes aspectos ligados à pouca interação que acontece com a natureza, afinal, as estatísticas não mentem sobre a realidade violenta que é vivenciada atualmente nas ruas e isso com certeza gera medo nas famílias, que tendem a proteger seus filhos, mesmo que isso exija que fiquem grande parte do tempo entre quatro paredes. Mas, ambas as situações acarretam em prejuízos no que pode ser considerado uma infância saudável, fazendo-se necessário a busca por outros meios e possibilidades para que as crianças possam brincar livremente e com segurança.

Ao mesmo tempo, surge outra concepção que infelizmente vem se espalhando. Concepção esta, na qual as pessoas acreditam que “a natureza é suja, de que a natureza é perigosa, de que a natureza traz doenças, quando é exatamente ao contrário” (O começo da vida – 2, 2020).

As crianças necessitam de vivências ao ar livre, fora de casa, pois como bem é destacado no documentário:

As crianças confinadas em casa e isoladas da natureza tendem a ficar muito mergulhadas nos eletrônicos e a gente tem visto como efeito, como consequência do uso de telas, isolamento, dificuldade de relacionamento, confinamento em casa e visto muitas crianças engordando porque fazem cada vez menos exercício, passam horas e horas no sofá, com seus celulares, com seus videogames (O começo da vida – 2, 2020).

Demonstrando a mesma preocupação com as crianças que ficam afastadas do mundo externo, Horn e Barbosa (2022, p. 2) explicam: “As consequências disso são muitas e nefastas, como obesidade, hiperatividade, déficit de atenção, dificuldades motoras, ausência de contato com outras crianças, contato exagerado com as telas (TV, celular, tablet), entre tantas outras”.

Dessa maneira pode-se compreender que, apesar do “Transtorno do déficit de natureza”, descrito por Louv (2016) não ser um termo clínico, a falta de interação com a natureza está, de fato, intimamente relacionada com diversos problemas de saúde, cada vez mais presentes na sociedade e que surgem de forma precoce. Além de que: “Se nós não dermos liberdade para as crianças, elas não vão ter oportunidade para lidar com situações desafiadoras. Desafios físicos ou sociais” (O começo da vida -2, 2020). Estes, que são indispensáveis para o desenvolvimento de um adulto consciente, responsável e aberto a novos desafios.

O tempo em que a criança está na natureza não é lazer, mas sim um grande investimento na saúde infantil (Louv, 2016). Investimento este que, como já fora mencionado, acarreta em benefícios que se prolongam por toda a vida, tornando-se um investimento muito válido!

### **Como a rotina familiar pode interferir na qualidade das vivências na natureza?**

Atualmente as famílias, de modo geral, vivenciam uma rotina cada vez mais acelerada, na qual muitas vezes as prioridades dos adultos são o trabalho e outros aspectos externos, deixando de dar a devida atenção às necessidades da criança. Vivendo de modo alienado e com atividades repetitivas, tornam-se poucos os momentos destinados ao brincar com seus filhos e quando acontecem, geralmente ocorrem em espaços internos, tornando assim o brincar bastante limitado. Segundo Louv (2016, p. 139 - 140): “Os fins de semana não são mais para o lazer, mas para as tarefas não realizadas que se

acumulam durante a semana” e assim se perde um tempo precioso na vida e no desenvolvimento das crianças.

Uma extensa e exaustiva jornada de trabalho acaba tomando conta da rotina familiar, o que por mais que os pais saibam que traz prejuízos a um relacionamento de qualidade com os filhos, por vezes acabam não contornando principalmente por questões financeiras, afinal, como Louv (2016) mesmo cita, é difícil não ceder à todas as necessidades de trabalho quando a segurança econômica da família parece estar em risco, o que ainda é a realidade de muitas famílias.

Muitas vezes um pai ou uma mãe que chegam exaustos do trabalho, preferem por comodidade dar à criança um celular ou permitir que ela passe horas na frente da televisão para que consigam descansar um pouco e desempenhar de maneira mais eficaz as suas demais tarefas. Todavia, é por meio dessas atitudes, quando repetidas demasiadamente que surge um outro grande problema, a dependência das telas.

O problema dos computadores e celulares não são os aparelhos em si, afinal, estes são apenas ferramentas. Mas, segundo Louv (2016, p. 157), o problema é a dependência que eles criam, pois essa, segundo suas palavras, “acaba substituindo outras fontes de ensino, das artes até a natureza. Conforme investimos dinheiro e atenção em aparelhos eletrônicos educativos, permitimos que outras ferramentas menos modernas, mas eficientes, atrofiem”.

Na concepção de Hansen (2019, p. 243), a larga escala de utilização dos dispositivos eletrônicos é “capaz de manobrar a natureza infantil de forma que as brincadeiras com movimentos constantes são transformadas em imobilidade silenciosa por longos períodos”, o que, segundo ele, é uma condição única que só esses meios oferecem e, muito utilizada por pais e responsáveis em momentos que não querem ser interrompidos pelas crianças, em viagens, momentos de descanso, jantares com amigos, entre outros. De momento pode até parecer uma boa opção para sanar a necessidade dos adultos, mas e as crianças, como ficam nessa situação? Em completo estado de passividade cerebral.

Hansen (2019, p. 243) ainda complementa que

[...] a criança precisa movimentar-se para ativar estruturas cerebrais que permitem o aprendizado. E para completar, necessitam um ambiente saudável de socialização, com presença calorosa de outros seres humanos. Ao desfrutarem dessas experiências concretas, as crianças podem construir um tecido psíquico que será a base futura da linguagem, da imaginação e do pensamento abstrato.

Características e necessidades estas que são totalmente desconsideradas quando da utilização dos eletrônicos, pois os sentidos não são mais aguçados e a interação com outras pessoas é rompida. Situação essa que muda tanto o comportamento da criança que Hansen (2019) compara a um processo semelhante a aplicar uma anestesia física e psicológica, pois o trabalho da inteligência daquele que está exposto a essa situação, é amplamente prejudicado.

Sobre o uso exagerado de televisores, em seu livro sobre a Pedagogia Waldorf, Lanz (2011) alerta para os principais perigos que essa exposição demasiada pode acarretar, mencionando o prejuízo à visão, à ilusão causada pelas imagens reproduzidas, às consequências da exposição direta à luz emitida, que não é natural, além de prejuízos do uso de som excessivo, problemas esses todos ligados à um mundo que difere do real, causando confusões no entendimento das crianças, dificultando algumas interpretações, entre outros aspectos que à distanciam daquilo que realmente existe. Ainda complementando a lista de consequências negativas que o uso exacerbado de televisores traz consigo, temos a triste perda do poder criativo das crianças, que frente à gigantesca quantia de imagens que passa diante de seus olhos, tornam-se indivíduos passivos e alienados.

Algo muito perceptível nas crianças é a imitação daquilo que veem e infelizmente, por meio da televisão elas acabam tendo maior acesso a diferentes perfis e modos de agir que nem sempre são seguros, ainda mais quando não há uma boa supervisão, o que pode acarretar em atitudes desagradáveis e difíceis de contornar (Lanz, 2011). Além do que já fora mencionado, o autor cita ainda outros danos ocasionados quando não se impõe limites ao uso dos televisores, que ele denomina de “consequências sociais”, afinal, são facilmente perceptíveis no dia a dia do convívio da criança, elencando questões como falta de respeito, desenvolvimento de vícios, etc.

Em suma, para Louv (2016, p. 128): “Mais tempo na natureza - combinado a menos televisão e mais brincadeiras estimulantes e ambientes educativos - pode ter grande efeito para reduzir o déficit de atenção nas crianças e ser igualmente importante para aumentar sua alegria de viver”. Afinal, a natureza, em sua simplicidade e beleza, oferece algo que a comunidade fechada ou o jogo de computador não são capazes de suprir. “A natureza apresenta aos jovens algo muito maior do que eles são e oferece um ambiente onde facilmente contemplam o infinito e a eternidade” (Louv, 2016, p. 118).

Todavia, não é tarefa fácil para os pais deixarem a rotina acelerada de lado para vivenciar a natureza de modo significativo, pois isso leva tempo e exige muita dedicação, pois é necessário realizar adequações, planejar outras atividades para esse tempo e “a menos que os pais sejam vigilantes, esses períodos se tornam um recurso cada vez mais escasso, porque o tempo é consumido por múltiplas forças invisíveis, uma vez que a cultura atual atribui tão pouco valor ao brincar na natureza” (Louv, 2016, p. 137). Mas, como o próprio autor destaca: “Ensinar a autodisciplina é um valor essencial no processo de criar filhos, mas nutrir a criatividade e o encantamento também” (Louv, 2016, p. 142) e uma das melhores maneiras de possibilitar um ambiente adequado para isso, é deixar que seus filhos vivenciem profundamente o estar na natureza.

Outro fator previamente mencionado que também exerce significativa influência no grande índice de redução do tempo de contato com a natureza, é o medo que os pais ou responsáveis vêm alimentando, seja por questões sociais às quais as crianças estarão expostas, por não querer que o filho se machuque, ou até por não permitir que a criança se suje. O medo, quando em pequena quantia, nos ajuda na precaução de algumas situações desagradáveis, porém quando demasiado, torna-se um enorme empecilho de nossa evolução, podendo transformar uma pessoa e modificar um comportamento, espalhando-se por uma cultura inteira (Louv, 2016).

Em consonância, Hansen (2019, p. 131) explica

O medo age como um sistema natural de defesa e preservação da vida. Bem dosado transforma-se em prudência e precaução.

Mas, quando passa dos limites, paralisa o desenvolvimento dos potenciais da criança, que deixa de evoluir como poderia porque sente a presença excessiva desse freio que é o medo.

Sobre esse medo excessivo dos pais e a consequência que ele representa no processo de desenvolvimento das crianças, Louv (2016, p. 143) ainda complementa

O medo é a força mais potente que impede os pais de permitir aos filhos a liberdade que eles mesmos tiveram quando eram jovens. O medo é a emoção que separa uma criança em desenvolvimento dos benefícios plenos e essenciais da natureza, o medo do trânsito, da criminalidade, de desconhecidos - e da própria natureza.

Segundo concepção de Louv (2016, p. 149): “O perigo em relação a desconhecidos não é a única razão pela qual as famílias determinam limites mais rígidos para a vida das crianças. Crianças e adultos também estão começando a ver a natureza como inimigo natural [...]”, o que é muito preocupante, afinal, nós somos parte da natureza e precisamos dela para viver.

Vale ressaltar que existem sim inúmeros perigos na sociedade em que vivemos, mas por muitas vezes, a mídia acaba apresentando ameaças muito exageradas (Louv, 2016), que acabam gerando um pânico desnecessário. Mas certamente é sim muito importante que os pais se preocupem, porém em níveis que não impeçam as crianças de vivenciarem novas experiências e manterem um contato com a natureza, sendo necessário sim buscar por locais seguros, mas não privar a criança de toda e qualquer situação simplesmente por ser algo novo. Quanto ao aspecto da sujeira, quando resultado da livre exploração da natureza, é sinônimo de saúde e vivacidade, ao mesmo tempo que alguns arranhões e leves machucados fazem parte do aprendizado que ocorre por meio da exploração e nem todos são evitáveis.

Devemos estar cientes de que todo ambiente, por mais bem preparado que seja, seguirá podendo apresentar “certa margem de risco, na forma de saudáveis desafios para a criança” (Hansen, 2019, p. 132) todavia, esses pequenos riscos não podem significar negligência ou atitudes irresponsáveis. O autor ainda complementa que se buscarmos um ambiente que prive as crianças de qualquer tipo de desafio, por meio de uma proteção excessiva,



estaremos empobrecendo as suas experiências. Em suma, o adulto deve confiar na criança, confiando no potencial que ela carrega, pois só assim, ela poderá desenvolver todo o seu potencial (Hansen, 2019).

Embora existam muitos desafios que acompanham o dia a dia das famílias e que, por vezes, acabam dificultando o acesso à locais e a destinação de um tempo adequado para estar e vivenciar a natureza com as crianças, é preciso que se busque por melhorias nesse aspecto, afinal, trata-se da qualidade de vida e bem-estar dos indivíduos. Quanto a isso, Louv (2016, p. 194) comenta:

É claro que diminuir a separação com a natureza não é tão simples quanto fazer uma lista. E a solução também não está totalmente nas mãos dos pais. Os pais podem acarretar transformações, mas geralmente não conseguem diminuir essa falta de vínculos sozinhos. Os pais precisam da ajuda das escolas, organizações ligadas à natureza, urbanistas - e uns dos outros.

Assim, pode-se analisar que essa aproximação das crianças com a natureza é tarefa de todos, família, escola e comunidade em geral, pois todos juntos devem pensar melhorias, adequações e mudança de postura frente à essa realidade a fim de facilitar e promover as diferentes formas de interação com o que é natural, em diversos locais e tempos.

### **Considerações**

O desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso, bem como, a produção deste artigo, me proporcionaram muitos aprendizados, que, certamente serão essenciais para a minha trajetória pessoal e profissional, além de aumentar ainda mais o meu fascínio pelas maravilhosas contribuições que a natureza representa para o desenvolvimento infantil. Também não posso deixar de mencionar as incríveis recordações que trouxe, de uma infância feliz e sadia, em meio às árvores, à terra, animais e tantos elementos mais com os quais podemos estabelecer uma linda conexão – infância esta, à qual eu tive a oportunidade de vivenciar e hoje tenho como propósito, possibilitar também aos meus futuros filhos e educandos.

De acordo com a pesquisa, a infância é a etapa da vida em que o cérebro do ser humano está mais propício a aprender, devido ao grande número de conexões neurais que ocorrem. É por intermédio das interações e brincadeiras que a criança adquire grande parte dos seus conhecimentos e se desenvolve de maneira integral.

Na intenção de qualificar ainda mais os processos do brincar e interagir das crianças, é necessário proporcionar a elas, ambientes adequados, que sejam ricos em possibilidades, constituam desafios e instiguem a exploração e, frente a isso, a natureza se apresenta como grande mestra, pois é constituída de inúmeras possibilidades e fornece ao indivíduo, tudo aquilo de que ele necessita.

Como os elementos naturais, diferentemente dos brinquedos industrializados e das telas, não possuem uma maneira limitada e predisposta de como ser explorados, permitem a utilização recorrente da criatividade e da imaginação de cada um, fatores essenciais do aprendizado e evolução. Ademais, atualmente também existem inúmeros estudos que comprovam a relação direta entre o contato com os ambientes naturais e a saúde das pessoas, por meio da diminuição do estresse, da depressão, redução da obesidade, melhora do sono, da visão, do humor, bem como, melhora na qualidade de vida em geral de quem dela desfruta.

Todavia, infelizmente cada vez mais a sociedade tem se afastado da natureza, principalmente nos grandes centros urbanos. Hoje em dia está muito mais fácil encontrar grandes construções e pisos concretados do que espaços verdes e conservados. E com essa realidade, todos nós, adultos e crianças somos prejudicados, afinal, precisamos e também somos parte da natureza.

Vale ressaltar que os adultos também precisam desse contato e é, principalmente observando pais, educadores e demais pessoas de referência que exploram e vivem a natureza, que as crianças também se sentem convidadas a vivenciá-la de maneira profunda e significativa. Além disso tudo, a natureza também é capaz de aproximar as pessoas, seja na família, na escola ou na comunidade e para incentivar ainda mais essas práticas, muitos estudiosos da área trazem recomendações muito válidas para esses

momentos, podendo ser atividades livres ou dirigidas, com ou sem itens de apoio (brinquedos, ferramentas), brincadeiras individuais ou coletivas, entre tantas outras possibilidades existentes, basta um pouco de criatividade e imaginação que tudo pode se tornar brincadeira, alegria e aprendizado.

Sendo assim, é fundamental que façamos uma reflexão sobre as possibilidades de estar em contato com a natureza que estamos ofertando para as crianças, assim como a nós mesmos, a fim de que a valorizemos cada vez mais, tornando esses momentos de conexão, de fato, parte de nossas rotinas diárias.

Com todo o conhecimento adquirido e estudos feitos no decorrer da pesquisa, considero que vivenciar a natureza é essencial para um bom desenvolvimento infantil e brincar e interagir, principalmente em ambientes de qualidade são as maneiras mais eficazes de uma criança aprender. Considero esse estudo de extrema relevância por ser um tema bem atual e que servirá de base para o meu trabalho na docência, para que este seja feito com amor, sabedoria e entusiasmo, proporcionando para as crianças aquilo que elas necessitam.

## Referências

BARROS, Maria Isabel Amando de. **Desemparedamento da infância: a Escola como Lugar de Encontro com a Natureza**. [livro eletrônico] 2. ed. Rio de Janeiro: Alana, 2018.

BLAUTH, Guilherme. **Jardim das brincadeiras**. Edição do autor, 2013.  
Disponível em: [jardim-das-brincadeiras.pdf](#). Acesso em: 26 abril 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, MEC, 2018. Disponível em:  
[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 30 março 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category\\_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192)>.

Acesso em: 30 março 2023.

HANZEN, Roger. **Pedagogia Florença I**: bases para a educação de 0 a 3 anos. 2. e.d. Santa Catarina: Colégio Acadêmico Florença, 2019.

HANZEN, Roger. **Pedagogia Florença II**: bases para a educação de 3 a 6 anos. 2. e.d. Florianópolis (SC): Colégio Acadêmico Florença, 2019.

HORN, Maria da Graça Souza; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Abrindo as portas da educação infantil**: viver e aprender nos espaços externos. Porto Alegre: Penso, 2022.

LANZ, Rudolf. **A pedagogia Waldorf**: Caminho para um ensino mais humano. 10. ed. São Paulo: Antroposófica, 2011.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza**: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. Tradução de Alyne Azuma, Cláudia Belhassof. 1. ed. São Paulo: Aquariana, 2016.

**O COMEÇO DA VIDA**. Direção: Estela Renner. **Produzido por**: Estela Renner, Marcos Nisti e Luana Lobo. Origem: Argentina, Brasil, Canadá, China, Estados Unidos, França, Índia, Itália e Quênia, 2016. Título original: The Beginning of Life. Documentário. Maria Farinha Filmes, (96 min).

**O COMEÇO DA VIDA – 2**. Direção: Renata Terra. **Produzido por**: Ana Lúcia Villela, Estela Renner, Marcos Nisti e Luana Lobo. Origem: Brasil, 2020. Documentário. Maria Farinha Filmes, (92 min).

VOGEL, Deise Roden; RAMBO, Elaine Schuck. **Metodologia vivencial exclusiva**: inovando para cuidar, educar e ensinar crianças; vivências extraordinárias comprovadas. Itapiranga: Exclusivação Educação e Desenvolvimento, 2021.